



Melancolia e (im)permanência: fundamentos para uma teoria freudiana do suicídio

Melancholia and (im)permanence: Fundamentals for a Freudian Suicide Theory

Marcos Vinicius Brunhari

Psicanalista e Pesquisador independente

Resumo

Neste artigo teórico temos como objetivo o apuramento do caráter paradigmático do conceito freudiano de melancolia em relação ao suicídio. Iniciaremos este trajeto recorrendo aos primeiros escritos de Freud e procuraremos circunscrever a relevância de uma perda peculiar na melancolia (1895/1996). Seguiremos pelos trabalhos dedicados à metapsicologia em que o tema da melancolia (1917[1915]/1996) é articulado ao suicídio por meio da proposição de que o eu apenas se mata desde que identificado ao objeto perdido. A partir deste respaldo, será possível questionar a passagem ao ato suicida como o extremo da recusa ao efêmero. Sendo o inconsciente incapaz de executar o ato de se matar, a recusa coloca em evidência um rechaço do inconsciente. Sustentaremos, a partir do ensino de Lacan (1962-63/2005) que a passagem ao ato suicida se estrutura como um rechaço que tem no triunfo do objeto a um momento no qual o sujeito é suprimido e identificado ao que é irreduzível ao significante.

Palavras-chave: **Melancolia; Suicídio; Psicanálise; Freud**

Abstract

In this theoretical article, we aim to establish the paradigmatic character of the melancholia's freudian concept in relation to suicide. We shall begin this journey by recourse to Freud's early writings and attempt to circumscribe the relevance of a peculiar loss in melancholia (1895/1996). We will proceed through the works dedicated to metapsychology in which the theme of melancholia (1917[1915]/1996) is articulated to suicide by means of the proposition that the ego only kills itself since identified to the lost object. From this support, it will be possible to question the passage to the suicidal act as the extreme of the refusal to the ephemeral. Since the unconscious is incapable of executing the act of killing itself, the refusal puts in evidence a rejection of the unconscious. From the Lacan's teaching (1962-63/2005), we will argue that the passage to the suicide act structures itself as a rejection that has in the triumph of the object a T the moment in which the subject is suppressed and identified with what is irreducible to the signifier.

Keywords: **Melancholia; Suicide; Psychoanalysis; Freud**

Introdução

Em um breve artigo dedicado à impermanência, traduzido como “Sobre a transitoriedade” (1916[1915]/1996), Sigmund Freud se ocupa de maneira pontual e com recursos estéticos daquilo que é efêmero e que tem durabilidade no tempo. Nesse trabalho, o psicanalista relata o diálogo ao longo de um passeio por campos de exuberante beleza na companhia de um amigo taciturno e de um jovem poeta. Embora o poeta admirasse a beleza que podia ser extraída da paisagem, não era possível desfrutar disto já que, na opinião deste, toda a beleza está fadada à efemeridade.

Esta perspectiva segundo a qual aquilo que possui valor está destinado à destruição leva o jovem poeta a adotar uma desvalorização daquilo que pode ser amado e admirado. Freud (1916[1915]/1996) posiciona-se contrariamente à exigência de imortalidade e afirma que a impermanência não reduz o valor daquilo que tem duração determinada, “pelo contrário, implica um aumento! O valor da transitoriedade é o valor da escassez no tempo. A limitação da possibilidade de uma fruição eleva o valor dessa fruição” (p. 317). Freud segue e propõe que essa desvalorização do que é efêmero condiz com uma revolta contra o luto que pressupõe uma perda dolorosa e um processo penoso.

Esta posição contrária ao luto pode ser entendida como similar ao processo melancólico em que uma perda tem um outro percurso psíquico distinto daquele da elaboração. Neste processo, como acompanharemos nos próximos parágrafos, está presente a manutenção do que não pode ser perdido e, diante disto, são gerados efeitos de sofrimento bastante peculiares ao quadro melancólico. No meandro desse exame que empreenderemos acerca da melancolia será possível sustentar a proposta de que esta conceituação balizada em dois pontos da obra freudiana, os primeiros escritos e os trabalhos da metapsicologia, promove uma compreensão a respeito do suicídio. Assim, defenderemos que a conceituação de melancolia, distinta daquilo que se apregoa à transitoriedade, promove uma chave para a compreensão do suicídio a partir de recursos próprios ao arcabouço psicanalítico.

A ideia de uma manutenção do objeto pela via identificatória como processo fundamental na melancolia nos permite uma articulação a

respeito do suicídio. Associamos essa manutenção à recusa frente à impermanência e ao que se elabora em forma de luto. Tomamos a melancolia como paradigmática para aquilo que Freud (1917[1915]/1996) preconiza a respeito da autodestruição derivada da identificação com um objeto. É desta condição que envereda a tentativa de suicídio já que o eu não pode se destruir a não ser que esteja identificado ao um outro. Assim, será possível propor que o suicídio se constitui como um extremo desta recusa diante da efemeridade, como um contraponto na medida em que se caracteriza pelo império de um irrepresentável.

Com o objetivo de melhor precisar o caráter paradigmático da conceituação freudiana de melancolia em relação ao suicídio, recorreremos aos primeiros escritos de Freud procurando circunscrever a relevância de uma perda peculiar; em seguida, nos ocuparemos dos trabalhos metapsicológicos dedicados ao tema da melancolia. Nestes, evidenciaremos a articulação com o suicídio através da compreensão de que o eu se mata desde que identificado ao objeto perdido.

Apoiados no trabalho “Reflexões para os tempos de guerra e morte” (1915/1996) em que Freud se inclina sobre os horrores da guerra e do mal radical inerente à condição humana, será possível questionar a passagem ao ato suicida como o extremo da recusa ao efêmero que evidencia um rechaço do inconsciente. Segundo o autor, no inconsciente não há registro da própria morte, apenas há notícias da morte do outro, sendo o inconsciente incapaz de executar o ato de matar. Em seguida, sustentaremos, a partir do ensino de Jacques Lacan (1962-63/2005) que a passagem ao ato suicida constitui um rechaço do inconsciente, pois há o triunfo do objeto *a* em um momento no qual o sujeito é suprimido identificando-se com este irredutível ao significante que se precipita fora da cena.

O processo melancólico nos primeiros escritos freudianos

Em ocasião de seus primeiros estudos acerca das neuroses, Freud delineia um procedimento no qual representações mnêmicas de cunho sexual são o instrumento fundamental para uma clínica. É nas neuroses que o psicanalista se apoia para apontar um mecanismo revela-

dor da etiologia baseada em fatores sexuais e nos destinos destes derivados a partir do recalque. Essa etiologia é utilizada “com o objetivo de caracterizar as neuroses e de fazer uma distinção nítida entre os quadros clínicos das várias neuroses” (Freud, 1893-95/1996, p. 273). Assim, a nosologia é campo de interesse ao ter vislumbrada uma causalidade outra que não a dos conhecimentos médicos. O reconhecimento de uma divisão da consciência aponta para uma outra cena em que o inconsciente é central e leva Freud a propor um “grupo psíquico” (Freud, 1893-95/1996, p. 279) que tem como destino na histeria, por exemplo, ser expelido e recalado, não aniquilado. Na histeria, o grupo psíquico é separado do eu e dirigido para o inconsciente fundando, desde então, uma área na qual se reunirá tudo aquilo que com o eu for incompatível. Este é o campo no qual Freud se lança em sua pesquisa e fundamenta a proposta de associação entre representações. A associação livre encaminha o acesso a esse grupo de ideias organizado em cadeia com elos entre representações. Quanto a esse grupo de ideias, objetivamos apontar sua presença no que é descrito como mecanismo melancólico durante os primeiros escritos de Freud. Indicaremos que o processo melancólico, diferentemente do luto, tem como base uma perda que não pôde ser representada.

Propomos que os primeiros escritos de Freud sobre o tema permitem uma articulação entre o processo melancólico e o campo da linguagem. A melancolia é apresentada nesses primeiros escritos de Freud articulada à anestesia sexual psíquica. Esta articulação permite diferenciar a melancolia do estado de depressão periódica, característica das neuroses. Freud (1892-93/1996) afirma que nas neuroses “temos de supor a presença primária de uma tendência à depressão e à diminuição da autoconfiança” (p. 163). Em seguida, em seu “Rascunho B” (1893/1996) acerca da etiologia das neuroses, o autor destaca que a depressão periódica possui contraste com a melancolia por não apresentar “anestesia [sexual] psíquica, que é característica da melancolia” (p. 228). Dessa maneira, a anestesia sexual psíquica enquanto essencial na melancolia é um demarcador entre esta e a depressão neurótica. Assim, Freud estabelece uma vinculação entre o estado de depressão periódica e a neurose de angústia definindo um contraste

com a melancolia, a qual se fundamenta na anestesia.

Esta diferenciação entre depressão e melancolia lança um outro paralelo entre esta e a angústia. Recorremos aqui aos primeiros escritos freudianos referentes à angústia apenas com o objetivo de salientar brevemente o processo melancólico. O “Rascunho E” (1894/1996) sobre a origem da angústia, evidência esse paralelo ao retratar a angústia como resultado da “transformação a partir da tensão sexual [física] acumulada” (p. 237). Esse acúmulo é decorrente da ausência de descarga dessa tensão pertencente à esfera física. Freud descreve uma “tensão endógena” (p. 237) que tem como fonte o corpo e alcança satisfação a partir de reações do sistema. Há um limiar para essa energia física e é “acima desse limiar que a tensão passa a ter significação psíquica, que entra em contato com determinados grupos de ideias” (p. 238).

Na angústia há uma inexistência de uma ligação ao grupo e isto possibilita que Freud sublinhe uma similaridade com o processo melancólico. Segundo afirma no “Rascunho E” (1894/1996), o mecanismo melancólico se baseia na anestesia instalada na esfera psíquica. Freud refere-se à existência de “um grande anseio pelo amor em sua forma psíquica” (1894/1996, p. 237) como característica do quadro melancólico. Tomando a expressão de anseio como significativa de aspirar por algo não acessível, compreende-se que a ligação ao grupo psíquico não se realiza também na melancolia. Freud propõe (1894/1996, p. 237) existir na melancolia um acúmulo da tensão sexual psíquica que permanece insatisfeita pois, não há ligação ao grupo psíquico. Uma perda arrigada ao processo melancólico começa a se colocar na reflexão do autor.

Há um acúmulo no processo melancólico que se estabelece mediante o anseio pelo amor no âmbito das representações. E, no “Rascunho G” (1895/1996), a anestesia é posicionada como pilar do mecanismo melancólico ao lado do anseio por aquilo que é ausente. A partir desse anseio acumula-se a tensão na esfera psíquica, em contrapartida à angústia na qual o acúmulo é da ordem da esfera física. Freud especifica que “na melancolia, deve tratar-se de uma perda – uma perda na vida pulsional” (1895/1996, p. 247), uma perda que se constitui em forma de “luto por perda da libido”

(p. 247). A perda melancólica remete ao campo do que Freud define como energia física e se endereça ao grupo psíquico que deixará de ser investido.

Quando pela anestesia é cessada a energia somática, não há investimento ao grupo psíquico. Assim, se processa uma perda de investimento da energia física que tem como resultado a perda e a ausência de investimento do grupo psíquico. Ao se interrogar acerca dos efeitos desse mecanismo melancólico, Freud elenca a “inibição psíquica, com empobrecimento pulsional e o respectivo sofrimento” (p. 252) como derivados da perda energética com a qual se defronta o grupo psíquico. Desde esta perda, há uma retração na esfera psíquica, um esmaecimento que causa o empobrecimento e conseqüente sofrimento.

Freud metaforicamente nomeia a retração na esfera psíquica como “ferida” (p. 252) que tem como efeito uma “hemorragia interna” (p. 252) caracterizada pelo escoamento das representações. A hemorragia tem como respaldo a anestesia sexual psíquica. A partir do empobrecimento que impede o acesso da energia física ao limite da representação do grupo psíquico, há uma drenagem que ocorre como efeito na esfera psíquica. Esse funcionamento hidráulico gera uma mecânica já que, quanto mais se esvai a excitação física, mais aflui a excitação psíquica.

Portanto, há uma marca irreparável no cerne desse processo tornando impossível o acesso à representação do objeto. Diante disto nos é permitido assinalar que a melancolia comporta em seu mecanismo, de acordo com as coordenadas dos primeiros escritos de Freud, uma ausência de representação que opera de maneira singular nos meandros da relação com o objeto. A seguir, acompanharemos como esta problemática será pormenorizada nos trabalhos posteriores de Freud sobre a metapsicologia.

A perda melancólica: da sombra à pura cultura da pulsão de morte

A melancolia será novamente abordada nos textos freudianos alguns anos adiante em “Luto e melancolia” (1917[1915]/1996) e novamente virá a ser descrita como uma ferida aberta em que o eu se apresenta esvaziado empobrecido. O que o autor assevera a partir

do arcabouço conceitual de sua metapsicologia, é que o processo melancólico é como uma ferida dolorosa que se sustenta em uma perda de natureza ideal desde a qual não se pôde extinguir o amor e o ódio àquilo que fora perdido. Assim, o refúgio do amor na identificação narcísica com o objeto é seguido pelo ódio, antes dirigido ao objeto, gerando a autotortura sádica do eu melancólico. Este processo de degradação sádica indica uma disposição patológica na melancolia que a diferencia do luto. Pode-se afirmar, desde o recorte que realizamos a partir dos primeiros escritos de Freud, que a perda melancólica não se liga a uma representação visto ter em sua base a anestesia que impede o acesso a esta. Doravante, este processo é compreendido em conformidade com a pulsionalidade e com a ambivalência da relação objetal.

A perda na melancolia, diferentemente do luto, é problemática para o eu que se identifica ao objeto perdido com o intuito de resguardar o amor antes a este dirigido e, desde então, passa a ser alvo do ódio que ali também fora investido. Este ataque do eu a si próprio é uma chave para a compreensão de Freud sobre o suicídio pois, segundo o autor, “o ego só pode se matar se, devido ao retorno da catexia objetal, puder tratar a si mesmo como um objeto – se for capaz de dirigir contra si mesmo a hostilidade relacionada a um objeto” (1917[1915]/1996, p. 257). Esta chave para uma compreensão de Freud sobre o suicídio tem a melancolia como um exponencial que, de forma paradigmática, revela o eu como causador de seu próprio suplício na medida em que se identifica a algo que, como apontaremos, possui contornos imprecisos.

Antes de avançar sobre estas considerações sobre a melancolia e o suicídio, cabe aqui um breve comentário sobre a distinção e a aproximação entre esta e o luto. Freud é preciso ao definir o luto como uma “reação à perda de uma pessoa amada, ou à perda de abstrações colocadas em seu lugar” (Freud, 1917[1915]/1996, p. 103). Em acordo com a melancolia, o luto apresenta características psíquicas como um estado de desânimo, uma suspensão do interesse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar e inibição para a realização de tarefas. Determinando o estado de ânimo do luto como doloroso, Freud se refere a este como um processo em que o teste de realidade demonstra a inexistência do

objeto amado passando assim a exigir a retirada da libido e um reinvestimento distinto. A reação à perda é o desencadeamento do trabalho de luto que pode acontecer de forma vagarosa. Isto torna o mundo pobre e vazio de investimento libidinal, diferentemente da na melancolia em que é o eu que se torna empobrecido.

Freud afirma que a melancolia é similar ao luto, é também uma reação à perda do objeto amado. À melancolia se acrescenta uma condição ausente no luto: “a perda do objeto de amor mostra-se como uma ocasião muito excepcional para que a ambivalência que havia nas relações amorosas agora se manifeste e passe a vigorar” (Freud, 1917[1915]/1996, p. 110). A ambivalência tem um destino na melancolia que se perfaz pela desfusão que gera o ataque do eu a si próprio. Este mecanismo tão salutar na melancolia é peculiar para os desdobramentos teóricos que Freud dará ao tema do suicídio. Porém, é preciso ainda observar alguns detalhes sobre este processo asseverados em 1915.

A fraca aderência à representação do objeto que vigora na melancolia é similar ao que se apregoava nos primeiros escritos freudianos como a impossibilidade de atingir o grupo de ideias. Como já indicamos, é isto que subsidia o vazamento na esfera psíquica e o que faz com que a perda não possa ser representada. A consideração de que, neste ponto do processo melancólico, nada mais há senão a falta é equivalente ao esvaziamento da esfera psíquica. Frente a esta drenagem representacional o eu se torna empobrecido e indigno em um mecanismo que é alimentado pela própria destruição. Portanto, é por esta identificação que “a sombra do objeto caiu sobre o eu” (Freud, 1917[1915]/1996, p. 254) e, dessa forma, o eu pode causar toda a sua própria tortura, como se fosse o objeto digno de ódio.

É importante salientar que a identificação é com a sombra do objeto e não com um traço ou representação deste. A perda do objeto pela impossibilidade de catexização acontece fora do âmbito das palavras, de acordo com Freud (1917[1915]/1996, p. 261), sendo barrado o caminho da elaboração representacional. Como indicamos no tópico anterior, há um limiar a partir do qual a tensão física, ascendendo à esfera psíquica, teria significação. Atingido o grupo psíquico, dá-se o processo representativo e a perda do objeto. O

objeto é desde sempre marcado pela perda quando digno de representação na esfera psíquica. Todavia, o que temos reafirmado com esta barreira ao âmbito das palavras, é que o processo melancólico se desencadeia por uma via distinta: uma vez que não é marcado o limiar representativo, a perda sequer chega a ser representada como tal. Tanto no “Rascunho G” (1895/1996) quanto em “Luto e melancolia” (1917[1915]/1996), indica-se o desmembramento doloroso desencadeado pela ausência de uma representação que permitisse o acesso ao objeto como perdido. Desde então, impera o vazio de representação que recai como uma sombra sobre o eu melancólico.

Pela anestesia que torna inacessível a representação e pela fraca aderência ao objeto pode-se compreender que não há elaboração na perda melancólica. É possível também interrogar qual o estatuto disto e se há perda de algo que é irrepresentável. A oposição ao luto, processo em que a perda é passível de representação, torna evidente que este objeto melancólico deve ser resguardado pois o amor a ele não pode ser pedido. Este amor que retorna ao eu por via identificatória é narcísico e não é conivente com a efemeridade. Sua contrariedade à transitoriedade é o que suporta a sombra que passa a imperar causando efeitos catastróficos sobre o eu.

Munidos deste percurso acerca da conceituação freudiana de melancolia, assinalamos que uma concepção sobre o suicídio é possível desde a proposta de que o eu pode atacar a si próprio quando identificado com um outro objeto. Esta proposta freudiana de que o eu consente com a própria destruição, sob a sombra do objeto, é compatível com o que o autor afirma, em seu “Reflexões para os tempos de guerra e morte” (1915/1996), sobre “no inconsciente cada um de nós está convencido de sua própria imortalidade” (p. 299). Logo, diante da interrogação sobre como pode o eu consentir com a própria morte, como resposta é possível propor que, identificado a um objeto, este caminho destrutivo encontra maior facilidade para se consumir uma vez que a imortalidade do objeto não é um preceito.

A respeito da morte, Freud (1915/1996) assevera que “nosso inconsciente não executa o ato de matar; ele simplesmente o pensa e o deseja” (p. 307). Esta afirmação é cabal para

nossa reflexão acerca do suicídio a partir da melancolia. A partir dela é possível destacar que a execução do ato de matar não pertence ao esteio representacional do inconsciente. Isto se aplica ao suicídio que, de acordo com o paradigma melancólico, acontece a partir da identificação ao objeto. A morte apenas pode ser desejada e pensada, mas sua execução em forma de ato é um contraponto ao inconsciente. Dessa maneira, questionamos se o paradigma melancólico, segundo o qual o eu se destrói sob a regência de uma sombra, de um irrepresentável, é congruente ao entendimento de que o ato de se matar é um rechaço do inconsciente.

Antes de avançar sobre os desenvolvimentos dessa questão, é preciso atentar a um detalhe referente à pulsão de morte nas considerações de Freud sobre a melancolia. Será em “O ego e o id” (1923/1996) que Freud retomará melancolia e suicídio em uma articulação que, desta vez, acontece sob o crivo da pulsão de morte. Esta retomada tem o supereu como protagonista que age de maneira cruel e truculenta sobre o eu. É assim que a divisão entre amor e ódio que Freud (1917[1915]/1996) indicou na melancolia tem agora no supereu um agente que assume o sadismo que sobrepuja o eu. Perante esse imperativo o eu se submete ao castigo e a não objeção se respalda na identificação ao objeto, que desde então será recriminado e torturado.

Essa instância tirânica que contém o sadismo dirigido ao eu é representante da pulsão de morte. Por meio de um processo de desfusão pulsional o supereu tem tal função atribuída que, na melancolia, se evidencia pela crueldade separada do componente erótico. Essa expressão avassaladora do supereu leva Freud (1923/1996) a retomar a articulação entre melancolia e suicídio ao propor que este excesso pulsional gera uma “cultura pura do instinto de morte” (p. 66). Assim, a ruína do eu primeiramente identificada como uma hemorragia dolorosa por um buraco na esfera psíquica, depois como o esvaziamento dos representantes e, por último, como uma cultura pura de pulsão de morte, tem nestes três enunciados o caráter de sofrimento arrebatador em que o âmbito representacional se ausenta diante de um excesso silenciador. A predominância deste vazio sombrio advém em oposição ao âmbito do que é representável,

elaborável e transitório. Seguiremos com esta proposição sabendo que isto que a conceituação freudiana de melancolia viabiliza a respeito do suicídio pode ser examinado no ensino de Lacan, de 1962-63, a respeito da passagem ao ato.

O suicídio e a conceituação lacaniana de passagem ao ato

Ocupamo-nos do processo melancólico de maneira pormenorizada nos tópicos anteriores em razão de que sua conceituação, a partir dos primeiros escritos e da metapsicologia freudiana, permite compreender que o suicídio tem a melancolia como paradigma na medida em que o eu apenas consente com sua própria destruição quando identificado a um objeto. Este objeto, como procuramos frisar, possui um caráter de não representatividade, de uma sombra que escapa aos aspectos simbólicos e que recai de forma danosa sobre o eu.

Embora Freud não siga adiante com uma teorização a respeito do suicídio, seus apontamentos não deixam de ser fundamentais e indispensáveis para uma discussão sobre o tema. Um exemplo desta relevância está no caso discutido em “Psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher” (1920/1996) em que o autor faz discussões clínicas de importância atual e também nos oferece algumas considerações sobre a tentativa de suicídio cometida pela Jovem Homossexual. Para os objetivos de nosso trabalho não é necessário que nos atenhamos à riqueza com a qual o leitor do caso pode se deparar. Basta nos atermos ao que o autor empreende como uma “análise da tentativa de suicídio” (p. 173), tentativa que não deixou de ser percebida como seriamente intencionada e impactante para os familiares da jovem.

A jovem em questão é levada até Freud pelos pais que pertencem a uma família de posição social privilegiada naquela sociedade. A razão da preocupação dos familiares estava na devoção da jovem a uma dama da má reputação. Os galanteios e a servitude da jovem a esta mulher mais velha passaram a ser públicos e, em certa ocasião, isto que não era escondido do pai é a ele mostrado de maneira espetacular. A tentativa de suicídio decorre desta situação em que o pai se depara com ambas juntas na rua e seu olhar não prenun-

cia boa coisa. Em seguida, ao saber que o pai havia impedido aqueles encontros, a dama põe termo ao que se estabelecia entre elas até aquele momento. O olhar enfurecido do pai e o afastamento exigido pela dama são eventos que antecedem a tentativa de suicídio da jovem que, após a ruptura do relacionamento, corre e se ativa pelo vão de uma ponte férrea.

A tentativa de suicídio da Jovem Homossexual não é diretamente atribuída por Freud aos eventos antecessores, sua análise remete ao inconsciente. Freud retira a causalidade da tentativa de suicídio dos eventos antecessores e aponta o inconsciente como continente dos operadores do ato. Seu exame do caso é fortemente edípico e tem uma centralidade na figura paterna. Assim, sobre o desencadeamento do ato suicida o autor afirma:

A tentativa de suicídio, como se podia esperar, foi determinada por dois outros motivos, além do que ela forneceu: a realização de uma punição (autopunição) e a realização de um desejo. Esse último significava a consecução do próprio desejo que, quando frustrado, a impelira ao homossexualismo: o desejo de ter um filho do pai, pois agora ela 'caira' por culpa do pai (Freud, 1920/1996, p. 173).

Freud reúne dois fatores que convergem no ato suicida: a realização de uma autopunição que pode ser alinhada ao que propomos como um paradigma melancólico; e um segundo fator que indica o ato como engrenagem para a realização de desejo que, nos termos freudianos, permite articular o suicídio com a pulsão de morte. Assim, em seu cair a Jovem Homossexual realiza um desejo na medida em que se identifica com algo que não tem contornos simbólicos.

O cair da jovem é nomeado por Freud (1920/1996) como *niederkommen*¹ que, em alemão, designa tanto deixar-se cair quanto parir, dar à luz. Este termo é fundamental para o que se segue em nosso percurso pois é no deixar-se cair da paciente de Freud que convergem os dois fatores inconscientes envolvidos no desencadeamento do ato. Assim, a proibição estabelecida pelo pai é sancionada pela dama quando rompe o relacionamento entre ambas e este cruzamento é o que antecede o movimento em que a jovem cai como

uma sobra. É identificada a um rebotalho que a tentativa de suicídio da jovem se deflagra.

Isto que Freud (1920/1996) indica no deixar-se cair da paciente será retomado por Lacan em seu ensino de 1962-63. Esta retomada empreendida pelo psicanalista francês, neste período específico, será pontual no que diz respeito à conceituação de passagem ao ato. Entendemos que esta conceituação autêntica o que temos assinalado a respeito da melancolia como paradigmática para o suicídio na medida em que a passagem ao ato tem em seu cerne a presença fulgurante do objeto *a*. Este objeto peculiar no ensino de Lacan é o que resta da divisão do sujeito do campo do Outro e é sublinhado como aquilo que é irreduzível ao significante e também como o que escapa aos parâmetros do imaginário. Este objeto é alinhado por Lacan àquilo que não engana, ao que não é da ordem do significante e da cena constituída pelo Outro. O objeto *a* é real e tem, nos anos de 1962-63, uma abordagem clínica orientada sob o crivo do afeto da angústia.

O objeto *a* ganha corpo através da angústia na proporção em que esta emerge a partir do ceifar do significante. A angústia substancializa esse objeto que remete à dimensão do real e que tem sua constituição distinta daquilo que é da ordem da especularização e do significante. A angústia é assim um afeto que não engana por diferenciar-se do significante derivado da divisão do sujeito no campo do Outro. Este objeto que mantém com a angústia uma relação de funcionalidade tem uma localização distinta da objetividade e é central na conceituação de passagem ao ato. Sobre esta centralidade, é importante destacar que Lacan (1962-63/2005) propõe, ao retomar o caso da Jovem Homossexual, como condições essenciais para a passagem ao ato o seguinte:

A primeira [condição] é a identificação absoluta do sujeito com o *a* ao qual ele se reduz. É justamente o que sucede com a moça no momento do encontro. A segunda é o confronto do desejo com a lei. Aqui, trata-se do confronto do desejo do pai, sobre o qual se constrói toda a conduta dela, com a lei que se faz presente no olhar do pai. É através disso que ela se sente definitivamente identificada com o *a* e, ao mesmo tempo, rejeitada, afastada, fora da cena. E isso, somente, o abandonar-se, o deixar-se cair, pode realizar (Lacan, 1962-63, p. 125)

A saída de cena coincide com o deixar-se cair, o *niederkommen*, da Jovem Homossexual logo após ao encerramento trágico da teatraliza-

¹ "Nie'der *adj.* baixo; inferior; *adv.* para baixo, --- !, abaixo!, morra!" (Tochtrop, 1968, p. 379); "Nie'derkommen *vi.* dar à luz" (Tochtrop, 1968, p. 379)

ção apresentada aos olhos do pai. O desfecho que se firma no olhar do pai tem na recusa da dama um fator desencadeador para a identificação com esse resto. É como um resto que a jovem se identifica de forma absoluta no momento da passagem ao ato. Portanto, neste momento é que impera esse objeto desprovido de significantes e de aparato imaginário. Isto equivale ao que apontávamos a respeito da melancolia como paradigma, do esvaziamento representacional e da sombra que eclipsa o eu em um processo de destruição. Itens estes que podem ser reunidos na sustentação de uma “teoria freudiana do suicídio” (Brunhari, 2015).

A identificação absoluta ao objeto *a* como condição essencial para a passagem ao ato sintetiza o que buscamos descrever anteriormente como uma chave que a melancolia oferecia a Freud a respeito do suicídio. Sobre o império dessa sombra vazia de representação no instante da identificação ao objeto *a*, Pablo Muñoz (2009) afirma que “a passagem ao ato suicida realiza o rechaço do sujeito ignorando-se da cena. O sujeito cai reduzido ao que é mais fundamentalmente como objeto, o real do objeto se encarna” (p. 141). O momento da passagem ao ato edifica um triunfo do objeto e coincide com a supressão do sujeito para fora da cena constituída pelo Outro.

A respeito da melancolia como exponencial para a passagem ao ato suicida, Lacan (1962-63/2005) indica, em referência ao triunfo do objeto *a* no momento da passagem ao ato, que “não é à toa que o sujeito melancólico tem tamanha propensão, e sempre realizada com rapidez fulgurante, desconcertante, a se atirar pela janela” (p. 124). A defenestração marca a limitação desde onde se precipita o rebotalho em uma relação de rechaço com o significante. Isto que na obra de Freud pode ser delineado a partir da melancolia e da sombra de um objeto perdido de maneira específica tem como passível de articulação, no ensino de Lacan, o instante da passagem ao ato. Este momento em que triunfa o real pode ser alinhado a uma posição de rechaço do inconsciente.

Considerações finais

De acordo com os primeiros escritos freudianos sobre a melancolia, a ausência de inves-

timento no grupo psíquico acarretada pela anestesia promulga um vazamento doloroso das representações pertencentes à esfera psíquica. O reconhecimento de uma anestesia como base do processo melancólico remete a um limiar a partir do qual se estabelece a entrada na esfera psíquica. Assim, na melancolia se firma uma ausência de significação como marca irreparável que caracteriza a perda melancólica de forma específica: como impossível de elaboração. A partir de “Luto e melancolia” (1917[1915]/1996) são delineadas peças-chave na conceituação de melancolia como, por exemplo, a proposta de uma disposição patológica diferenciadora do luto, a indicação de uma perda mais ideal e o abandono da representação pela fraca aderência ao objeto. Tomar o “Rascunho G” (1895/1996) e “Luto e melancolia” (1917[1915]/1996) como eixos para a discussão sobre a melancolia permite indicar a existência de um ponto em que se evidencia o vazio representacional que se dispõe sobre o eu ocasionando efeitos catastróficos.

Buscamos sublinhar que a conceituação de melancolia oferece a Freud um respaldo para que algumas asserções sobre o suicídio sejam traçadas. Não reduzindo a problemática do suicídio a um determinado quadro da nosografia, apenas assinalamos que a melancolia evidencia uma escassez simbólica que pode arrastar o eu à autodestruição. Sobre esta escassez, partimos de sua contrariedade ao que é do âmbito da transitoriedade, ou seja, a recusa ao que possui duração determinada é o que sustenta, na metapsicologia freudiana, a identificação ao objeto que causará a derrocada melancólica.

A partir do paradigma melancólico propõe-se que, sob o império da sombra do objeto, o eu pode consentir com a própria destruição. Esta compreensão de que um irrepresentável opera como protagonista no momento do ato suicida é coerente com a impossibilidade destacada por Freud (1915/1996) de que o inconsciente possa executar um ato de morte. Propusemos, então, que uma compreensão sobre o suicídio é viável a partir de uma congruência entre o rechaço do inconsciente e a sombra irrepresentável que engendra efeitos avassaladores sobre o eu. Sobre esta congruência, foi a partir do caso da Jovem Homossexual que se destacou que a queda acontece no momento em que há redução a um

rebotinho. Desde o ensino de Lacan (1962-63/2005) buscamos circunscrever este momento peculiar à identificação absoluta do sujeito ao objeto *a*. Esta identificação com o ir-redutível ao significante é condição essencial na passagem ao ato e indica que, no instante da passagem ao ato suicida, o objeto *a* triunfa. Desse modo, com base no contraponto ao que se apregoa em torno da noção freudiana de transitoriedade em que a perda não desvaloriza o objeto é que se torna possível alinhar o paradigma melancólico, o império da sombra e a recusa à efemeridade como este instante de supremacia do objeto *a* crucial na passagem ao ato.

Referências

- Brunhari, Marcos Vinicius (2015). *O ato suicida e sua falha*. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Freud, Sigmund (1892-93/1996). *Um caso de cura pelo hipnotismo*. (Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, Sigmund (1893/1996). *Rascunho B. A etiologia das neuroses*. (Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, Sigmund (1893-1895/1996). *A psicoterapia da histeria*. (Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 2). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, Sigmund (1894/1996). *Rascunho E. Como se origina a angústia*. (Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, Sigmund (1895/1996). *Rascunho G. Melancolia*. (Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, Sigmund (1915/1996). *Reflexões para os tempos de guerra e morte*. (Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, Sigmund (1916[1915]/1996). *Sobre a transitoriedade*. (Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, Sigmund (1917[1915]/1996). *Luto e melancolia*. (Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, Sigmund (1920/1996). *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher*. (Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, Sigmund (1923/1996). *O Ego e o Id*. (Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 19). Rio de Janeiro: Imago.
- Lacan, Jacques (1962-63/2005). *Seminário, livro 10 - a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Muñoz, Pablo D. (2009). *La invención lacaniana del pasaje al acto: de la psiquiatría al psicoanálisis*. Buenos Aires: Manantial.
- Tochtrop, Leonardo (1968). *Dicionário Alemão - Português*. 5ª. Edição. Porto Alegre: Editora Globo.



MARCOS VINICIUS BRUNHARI

Psicanalista. Doutor em Psicologia pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo.

DIRECCIÓN DE CONTACTO

mvbrunhari@gmail.com

FORMATO DE CITACIÓN

Brunhari, Marcos Vinicius (2018). Melancolia e (im)permanência: fundamentos para uma teoria freudiana do suicídio. *Quaderns de Psicologia*, 20(3), 245-254.
<http://dx.doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1462>

HISTORIA EDITORIAL

Recibido: 11/06/2018
1ª Revisión: 27/07/2018
Aceptado: 31/07/2018